

PSICANÁLISE PANDÊMICA: A ENERGÉTICA E A HERMENÊUTICA DA COVID-19⁵⁴

PANDEMIC PSYCHOANALYSIS: THE ENERGETICS AND HERMENEUTICS OF COVID-19

Weiny César Freitas Pinto
Doutor em Filosofia
Professor do Curso de Filosofia – UFMS
weiny.freitas@ufms.br

RESUMO: O texto, mais caracterizado como um ensaio, que como artigo, propõe, por meio de um exercício imaginativo, a aplicação conceitual das categorias ricœurianas “energética” e “hermenêutica” à situação de sofrimento e morte, causada pela pandemia do coronavírus. Após contextualizar a formulação conceitual das duas categorias de Ricœur, realiza-se uma análise antropológica, por meio da qual se propõe uma energética e hermenêutica da COVID-19 e finalmente faz-se uma análise epistemológica, da qual deriva, em conclusão, a ideia de uma psicanálise pandêmica.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia da psicanálise. Pandemia. Coronavírus. Energética. Hermenêutica, Paul Ricœur.

ABSTRACT: The text, more of an essay than an article, proposes, through an imaginative exercise, the conceptual application of Ricœur’s categories “energetic” and “hermeneutics” to the situation of suffering and death caused by the pandemic of the coronavirus. After contextualizing the conceptual formulation of the two categories of Ricœur, an anthropological analysis is carried out through which is proposed an energetic and hermeneutic of COVID-19; finally, an epistemological analysis is made from which, in conclusion, the idea of a pandemic psychoanalysis is derived.

KEYWORDS: Philosophy of psychoanalysis. Pandemic. Coronavirus. Energetics. Hermeneutics, Paul Ricœur.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O que a “Filosofia da psicanálise” tem a dizer sobre contemporaneidade, sofrimento e morte, no contexto da pandemia do novo coronavírus?

Mobilizado pela provocação causada por essa questão, tão desafiadoramente formulada como eixo interrogativo do nosso *Colóquio online Filosofia, Psicanálise e Pandemia: contemporaneidade, sofrimento e morte*, me proponho a apresentar uma espécie de “filosofia aplicada” – embora eu não saiba o que exatamente isso significa. Na verdade, eu gostaria de correr o risco de realizar um breve e simples exercício imaginativo, muito mais uma experiência imediata do pensamento, que rigorosamente uma reflexão, no sentido substancial desse termo.

Objetivamente, o que pretendo fazer é aplicar um argumento, um modelo

⁵⁴ Este texto foi apresentado no *Colóquio online Filosofia, Psicanálise e Pandemia: contemporaneidade, sofrimento e morte*, organizado pelo *GT Filosofia e Psicanálise* (ANPOF) e realizado entre os dias 15 e 17 de julho de 2020. A versão aqui publicada mantém a natureza ensaística da comunicação original, o que explica o tom coloquial do texto, mas foi acrescida de alguns desenvolvimentos complementares.

explicativo desenvolvido pelo filósofo francês Paul Ricœur (1913-2005) para compreender o discurso freudiano, à situação atual de sofrimento e morte pela qual estamos passando neste contexto de pandemia. O argumento, o modelo explicativo ao qual me refiro, é bastante conhecido por todos nós: as categorias “energética” e “hermenêutica”, formuladas por Ricœur em seu clássico *Da interpretação: ensaio sobre Freud* (1965).⁵⁵

A aplicação que proponho consiste em pensarmos em duas direções, a primeira delas vai no sentido da análise essencialmente antropológica do sofrimento e da morte causados pela COVID-19⁵⁶. Aqui, por meio da chave de leitura ricœuriana da “energética e hermenêutica”, chegaremos à nossa própria formulação de uma energética e hermenêutica da COVID-19. A segunda direção da análise que proponho, aponta, sem dúvida, para um grande exagero conceitual. Gostaria de imaginar livremente uma “psicanálise pandêmica”, mais precisamente, gostaria que a nossa formulação de uma energética e hermenêutica da COVID-19 fosse transportada para o âmbito específico da análise epistemológica de uma “psicanálise pandêmica”. Desse modo, em resumo, meu exercício imaginativo consiste, então, fundamentalmente, em pensar a pandemia do novo coronavírus por meio de dois aspectos principais, o aspecto antropológico, concernente muito mais a uma análise da situação de sofrimento e morte, vivenciada por todos nós, e o aspecto epistemológico, relacionado a uma análise de ordem mais metodológica do campo “Filosofia da psicanálise”.

CONTEXTUALIZAÇÃO: AS CATEGORIAS RICŒURIANAS

A título de precisão, retomemos brevemente as categorias ricœurianas de “energética” e “hermenêutica”, no contexto específico de sua formulação conceitual⁵⁷.

Ao se dedicar ao problema da unidade do discurso freudiano – problema que resumidamente consiste em saber qual a natureza do pensamento de Freud – Ricœur (1995) formula a ideia de que o discurso da psicanálise freudiana é constituído por duas dimensões fundamentais, a dimensão energética e a dimensão hermenêutica.

Essas duas categorias ricœurianas são, portanto, em primeiro lugar, a resposta de

⁵⁵ Daqui em diante, apenas, *Da interpretação*.

⁵⁶ COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-COV-2). É 19 porque o agente causador da doença foi descoberto em 2019. Mais informações sobre a terminologia oficial dos termos, cf. abaixo, nota 8 deste artigo.

⁵⁷ O leitor pode encontrar uma análise mais detalhada desse assunto, da qual justamente parte da presente contextualização foi extraída, em: Freitas Pinto; Padovan (2020).

Ricœur ao problema epistemológico colocado pela especificidade (atipicidade) da “invenção” (discurso, pensamento) de Freud. É importante reter esta circunscrição inicial do problema e principalmente a resposta dada a ele por Ricœur, não apenas porque ela marca a constituição originária da formulação conceitual ricœuriana, mas também porque evidencia sua característica primordial: trata-se, apesar de o próprio Ricœur estender seu uso ao âmbito da reflexão antropológica, de uma resposta fundamentalmente epistemológica a um problema estritamente epistemológico.

Não é por acaso que o filósofo concentra a formulação de suas categorias principalmente na parte “Analítica” da sua obra, isto é, na parte do *Da interpretação* que o próprio Ricœur denominou como sendo a sua “Leitura de Freud” (RICŒUR, 1995, p. 9). Mais precisamente, o tema é desenvolvido nos três primeiros capítulos da analítica ricœuriana, os quais, segundo o filósofo, reúnem: “O problema epistemológico do freudismo” (RICŒUR, 1995, p. 77). O seu ponto de partida reside na constatação de que na explicação psicanalítica dos fenômenos psíquicos haveria um “aparente dilema”:

(...) Por toda a parte, a psicanálise nos aparecerá como uma explicação dos fenômenos psíquicos por conflitos de forças, portanto, como uma energética – e como uma exegese do sentido aparente por um sentido latente, portanto como uma hermenêutica. (RICŒUR, 1995, p. 72)⁵⁸.

Para o filósofo, a psicanálise teria então duas dimensões de explicação do psíquico: a primeira, a dimensão energética, representada por conflitos de forças; e a segunda, a dimensão hermenêutica, representada pela interpretação do sentido. De imediato, o problema que se põe é saber como estas duas dimensões se articulam em uma única explicação, quer dizer, como a psicanálise justifica este duplo discurso no qual se baseia a sua explicação global dos fenômenos psíquicos.

Com efeito, o problema do duplo discurso do freudismo ganha, sob a pena de Ricœur, contornos bem mais tortuosos. Para o filósofo, a admissão de uma dimensão do sentido, portanto, de uma hermenêutica na psicanálise, só é verdadeiramente aceitável se esta dimensão incorporar o ponto de vista econômico do freudismo; isto quer dizer que, a rigor, para Ricœur, a psicanálise só pode ser uma “interpretação”, uma hermenêutica, na medida em que a economia das forças psíquicas seja levada em conta; caso contrário, ela em nada diferiria de uma teoria geral da interpretação e toda a potencialidade hermenêutica própria do freudismo seria aí ignorada.

⁵⁸ Salvo quando houver outra indicação, as traduções aqui presentes são de minha autoria.

A esse respeito, a argumentação do filósofo é bastante sensível e incisiva: para fazer justiça à obra freudiana é preciso estabelecer, de partida, a irreduzibilidade da dimensão energética. Mesmo que o ponto de vista econômico possa, em alguma medida, ser relativizado – tal como veremos adiante – ele, no entanto, jamais poderá ser superado. A principal razão disso se dá em função mesmo daquilo que o ponto de vista econômico essencialmente representa: o ponto inultrapassável do desejo, o insuperável ao sentido, em uma palavra, o limite intransponível a qualquer hermenêutica possível.

Ora, quando Ricœur se refere ao duplo caráter da explicação psicanalítica dos fenômenos psíquicos, concebe-o, conforme destacamos mais acima, como um “dilema aparente”. Isso implica, imediatamente, dizer que este duplo discurso explicativo da psicanálise não deve ser dicotomizado.

A natureza da distinção entre explicação energética e explicação hermenêutica deve ser concebida de acordo com a posição que estas duas dimensões ocupam no interior da conceituação freudiana e não de acordo com o inveterado vício conceitual contemporâneo que temos, o vício de simplesmente aprofundar dualismos.

Em outras palavras, há, segundo Ricœur, um *quid* no discurso do freudismo que permite a admissão deste duplo discurso de explicação da psicanálise sem que, necessariamente, isso se faça às custas de auto-oposição, dicotomização, dualização etc. É a este *quid* que se refere, precisamente, a tese ricœuriana do “discurso misto” de Freud.

(...) Os escritos de Freud se apresentam em sua totalidade como um discurso misto, até mesmo ambíguo, que, ao mesmo tempo em que ele enuncia conflitos de forças justificáveis de uma energética, ele também enuncia relações de sentido justificáveis de uma hermenêutica. Eu gostaria de mostrar que essa ambiguidade aparente é a razão de ser da psicanálise (RICŒUR, 1995, p. 77).

Como podemos notar, com Ricœur, não estamos diante de uma divisão dualista, por vezes simplista, entre energética e hermenêutica, ao modo de certas tendências interpretativas filosóficas bastante difundidas, mas não menos equivocadas, do discurso

Ora, o que Ricœur dirá é precisamente o contrário do que diria qualquer acepção dualista do discurso da psicanálise: o que importa é “(...) mostrar (...) a necessidade das duas dimensões deste discurso (...) que a energética *passa por* uma hermenêutica e que a hermenêutica *descobre* uma energética. (...)” (RICŒUR, 1995, p. 77, grifo original).

Eis aí o problema mais fundamental da epistemologia do freudismo, segundo Ricœur, ou seja: “(...) como é possível que a explicação econômica *passe por* uma

interpretação de significações e, em sentido inverso, que a interpretação seja *um momento* da explicação econômica? (...)” (RICŒUR, 1995, p. 78, grifo original).

Minha resposta, que a bem da verdade radicaliza a resposta do próprio Ricœur, é: isso só é possível se compreendermos que, sim, a psicanálise é uma hermenêutica, mas, não, ela não é uma “hermenêutica tradicional”, ou ainda, ela não é apenas uma “hermenêutica crítica”, para usar, por exemplo, os termos próprios do debate atual no interior do campo da hermenêutica filosófica. A psicanálise é um tipo completamente novo de hermenêutica, cuja singularidade ainda não foi reconhecida satisfatoriamente, nem pela psicanálise, nem pela filosofia.⁵⁹

Com efeito, fato é que a alternativa da epistemologia dualista do discurso freudiano, a divisão simplista entre energética e hermenêutica, não apenas é recusada pelo próprio Ricœur, mas, segundo ele, esta é a alternativa à qual o próprio freudismo mais radicalmente se opõe:

(...) É mais fácil se lançar em uma alternativa: seja uma explicação de estilo energético, seja uma compreensão de estilo fenomenológico. Ora, é preciso admitir que o freudismo existe justamente para refutar essa alternativa. (RICŒUR, 1995, p. 78).⁶⁰

Desse conjunto de questões que a contextualização acima apresentou, reafirmamos nosso pressuposto inicial, agora, ainda que de forma breve, demonstrado: é somente levando em conta este contexto, no qual se formulou conceitualmente as categorias ricœurianas de “energética” e “hermenêutica”, que podemos, não apenas melhor compreendê-las, mas delas extrair consequências outras, como esta que constitui nosso exercício imaginativo a seguir.

“APLICAÇÃO I”: ANÁLISE ANTROPOLÓGICA PARA UMA ENERGÉTICA E HERMENÊUTICA DA COVID-19

Tendo compreendido e respeitado a formulação conceitual das categorias ricœurianas, podemos agora dar um passo adiante e adentrar ao exercício de imaginação proposto no início. Bem entendido: este passo é nosso, não de Ricœur!

Neste plano de análise, a “energética” e a “hermenêutica” assumem outro

⁵⁹ Os termos “hermenêutica tradicional” e “hermenêutica crítica” referem-se ao clássico debate entre Habermas e Gadamer sobre o estatuto da hermenêutica filosófica. O leitor pode encontrar uma boa introdução a esse debate em Lima (2008).

⁶⁰ Sobre a contestação do dualismo da obra freudiana, bem como sobre o tema geral das leituras filosóficas de Freud, encontramos uma rica e inspiradora análise em dois trabalhos do filósofo brasileiro Luiz Roberto Monzani (1989; 1991).

sentido ao se tornarem úteis para refletirmos sobre o drama antropológico – o sofrimento e a morte – vivenciado por nós neste trágico contexto de pandemia. Várias são as figuras de sofrimento as quais podemos imaginar: o sofrimento de toda ordem causado pelo distanciamento social, pelo medo de contágio da doença, pela incerteza quanto ao futuro, pelo próprio adoecimento, pelo medo do adoecimento e perda do outro que amamos, pelas dificuldades

de subsistência que a pandemia impôs, pelo desemprego, em muitos casos, pela fome e pelo desespero social, instalado pelo desamparo completo e cínico do governo brasileiro.

Igualmente são várias as figuras de morte às quais podemos recorrer: em primeiro lugar, evidentemente, há a morte natural, objetiva, do organismo que padece, do corpo que desaparece; há também a morte pensada como elemento simbólico do nosso mundo ordinário, por exemplo, a morte de nossa habitual rotina – desde a mais íntima, que envolve os cuidados com o corpo, agora submetido à assepsia, quando não neurótica, constante, à mais social, relativa à forma de trabalho, das relações com o outro, com o espaço público em geral –, há ainda a morte entendida como elemento psicológico, certas expectativas, projetos, sonhos ou intenções, que impedidos de se realizarem em função, por exemplo, da restrição de circulação, causa melancolia, ansiedade, tristeza, depressão, enfim, morre-se também de “pequenas mortes”!

Ora, a pandemia que enfrentamos, os sofrimentos e as mortes que dela decorrem, são, no fim das contas, causados por um vírus (um tipo novo de coronavírus ou “SARS-CoV-2”⁶¹), que, por sua vez, causa uma doença (a COVID-19). Já não é preciso argumentar em relação à dimensão propriamente “energética” da pandemia, ela é quase autoevidente, já que sua origem e consequência mais grave é, em primeiro lugar, uma questão biológica, isto é, uma questão da ordem de certa “economia das forças” da natureza e do corpo humano.

Mas o que é uma questão biológica? Claro, a origem do vírus, a doença e a morte causadas por ele, elementos objetivos que podem ser conhecidos e controlados, não operam somente em sua dimensão energética, eles impactam diretamente na constituição do sentido que damos à nossa existência e ações; isto é, comportam uma dimensão propriamente hermenêutica.

⁶¹ SARS-CoV-2 é o nome científico dado ao novo coronavírus, significa: *Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2* (Síndrome respiratória aguda grave de coronavírus). Cf. WHO, 2020.

Assim, nosso imaginário social vagueia desde as mais diversas suposições acerca da origem energética e do sentido hermenêutico da pandemia: vírus criado em laboratório, pelos chineses ou americanos, ou pelo PT!, “vingança” da natureza, pelo uso exploratório que dela fazemos, ou ainda, uma espécie de pequena “vingança”, “praga divina”, para que retomemos os “bons” comportamentos morais etc.

Seguramente, à parte a extravagância das interpretações, nem Ricœur, nem a psicanálise, conseguiram mostrar com tanta evidência, como a pandemia está fazendo, o que exatamente é “(...) uma energética que passa por uma hermenêutica e uma hermenêutica que passa por uma energética (...)”. (RICŒUR, 1995, p. 77, grifo original).

A “morte” (figura da dimensão energética, por excelência) de mais de um milhão de pessoas no mundo e de mais de cento e cinquenta mil brasileiros⁶², e o “sofrimento” (figura maior, talvez, da dimensão hermenêutica) psicológico, político, social, epistemológico, decorrentes da pandemia, são, infelizmente, os trágicos exemplos antropológicos da nossa energética e hermenêutica da COVID-19.⁶³

“APLICAÇÃO II”: ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA PARA UMA PSICANÁLISE PANDÊMICA

Indo mais longe ainda em nosso exercício imaginativo, nos arriscamos agora a pensar esta energética e hermenêutica da COVID-19 num âmbito propriamente epistemológico: eu proponho a imagem de uma “psicanálise pandêmica”.

O leitor minimamente familiarizado com a história da psicanálise será, de imediato e com boas razões, remetido, por meio de nossa imagem, a uma outra imagem muito difundida nos círculos de estudos e anedotas psicanalíticas, a imagem da psicanálise como “a peste”.

Em resumo, a anedota é a seguinte: Freud, acompanhado por uma comitiva de importantes membros do movimento psicanalítico, Ferenczi, Jung, Jones e outros, ao avistar a Estátua da Liberdade, quando chegava ao porto de Nova York, em 1909, para uma série de cinco conferências sobre a psicanálise, que se tornariam depois as famosas

⁶² Os números de mortes no mundo e no Brasil aqui reportados são dados públicos gerais e foram registrados considerando a data de 19/10/2020. Como esses números aumentam diariamente, preferimos registrá-los em números cheios, portanto, números inexatos, mas verdadeiros.

⁶³ Pensamos em “sofrimento epistemológico”, especialmente no caso do Brasil, cujo governo adotou, desde o início da pandemia, uma política anticientífica, baseada em manifestações esdrúxulas, como, por exemplo, a indicação feita pelo Sr. Presidente da República de medicamentos, não apenas sem comprovação científica, mas comprovadamente ineficazes e perigosos.

Cinco lições de psicanálise (1910), teria dito a Jung algo, mais ou menos, como o que segue: “Eles nem imaginam que estamos lhes trazendo a peste”.

A figura da psicanálise como “a peste” – figura baseada na anedota acima, cuja autoria é de Lacan (1955/1966, p. 403), já que, conforme informa-nos Roudinesco (1988, p. 196), Jung não teria utilizado o termo, mas dito apenas: “eles ficarão surpresos ao saberem o que temos pra lhes dizer” – ganhou enorme fortuna e, conseqüentemente, os mais variados destinos interpretativos no interior das discussões psicanalíticas.

Não é nosso interesse repercutir aqui o tema da psicanálise como “peste” a partir do conteúdo ou das conseqüências que ele gerou no meio psicanalítico; gostaríamos apenas de nos apropriar livremente da figura que essa anedota criou – “a peste” – e aproximá-la da imagem que estamos propondo, a de uma “psicanálise pandêmica”, no contexto muito específico sobre o qual estamos pensando, o contexto de uma proposição epistemológica.

Poderíamos, assim, imaginar a psicanálise como um vírus, uma peste epistemológica, que, tal como o novo coronavírus da real pandemia que estamos vivenciando, causou e causa uma verdadeira “pandemia” no campo geral do saber.

Também aqui, evidente que de forma completamente diferente, poderíamos utilizar as figuras de “sofrimento” e de “morte”. Seria o caso de imaginar o “sofrimento”, e mesmo a “morte”, que a psicanálise de certo modo impõe epistemologicamente a algumas disciplinas do conhecimento, entre elas, seguramente, à filosofia.

Ainda tomando como paralelo a pandemia do novo coronavírus, poderíamos igualmente exercitar nossa imaginação concebendo que várias são as disciplinas “contaminadas” pela “peste” psicanalítica, várias são as tentativas de eliminar do campo epistemológico esse “vírus”, várias são as interpretações e usos do fenômeno psicanalítico.

Claro que a nossa imaginação extravagante poderia levar este paralelismo entre psicanálise e a pandemia do novo coronavírus ainda mais longe, mas, para que ela não se transforme em ridículo teórico, concluiria nosso exercício imaginativo com a formulação de uma questão: O que seria a “Filosofia da psicanálise” neste contexto de uma “psicanálise pandêmica”: Uma vacina? Um vetor de transmissão desse vírus? Os dois?

REFERÊNCIAS

FREITAS PINTO, Weiny César; PADOVAN, Caio. Sobre o tema da energética em Freud e na analítica ricoeuriana do freudismo. In: *A filosofia de Paul Ricœur em diálogo*. Orgs. FREITAS PINTO, W. C., et al. Porto Alegre: Editora FI, 2020. pp. 55-85.

LACAN, Jacques. La chose freudienne ou sens du retour à Freud en psychanalyse. In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966. p. 401-436.

LIMA, Aluísio Ferreira de. Hermenêutica da tradição ou crítica das ideologias? O debate entre Hans-Georg Gadamer & Jürgen Habermas. *UNOPAR Cient., Ciênc. Human. Educ*, Londrina, v. 9, n. 1, p. 55-62, Jun. 2008.

MONZANI, Luiz Roberto. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

_____. Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanços e perspectivas. In: PRADO JR., B. (Org.). *Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 109-138.

RIBEIRO, Caroline Vasconcelos. O conceito freudiano de pulsão e o estatuto epistemológico da psicanálise: o olhar de Heidegger e de Ricœur. *Voluntas: Revista internacional de filosofia*, Santa Maria, v. 11, n. 2, pp. 300-327, 2020.

RICŒUR, Paul. *De l'interprétation – essai sur Freud*. 2 ed. Paris: Seuil, 1995.

ROUDINESCO, E. *História da psicanálise na França*, v. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Naming the coronavirus disease (COVID-19) and the virus that causes it*. 2020. Disponível em: <
[https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/technical-guidance/naming-the-coronavirus-disease-\(covid-2019\)-and-the-virus-that-causes-it](https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/technical-guidance/naming-the-coronavirus-disease-(covid-2019)-and-the-virus-that-causes-it)>. Acesso em: 19 out. 2020.

Recebido em: 31/08/2020

Aceito para publicação em: 06/10/2020